

**Danielle Helena Almeida Machado
Janaina Cazini
(Organizadoras)**



**O Fortalecimento da
Escola Inclusiva, Diversa
e com Qualidade no Ensino**

Danielle Helena Almeida Machado

Janaina Cazini

(Organizadoras)

O Fortalecimento da Escola Inclusiva, Diversa e com Qualidade no Ensino

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F736	<p>O fortalecimento da escola inclusiva, diversa e com qualidade no ensino [recurso eletrônico] / Organizadoras Danielle H. A. Machado, Janaina Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-604-1 DOI 10.22533/at.ed.041190309</p> <p>1. Educação e Estado. 2. Educação especial. 3. Educação inclusiva. 4. Inclusão escolar. 5. Prática de ensino. I. Machado, Danielle H. A. II. Cazini, Janaina.</p> <p style="text-align: right;">CDD 371.9</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*Educação Inclusiva*”, vem apresentar nos diversos artigos os argumentos e resultados de pesquisas de grandes autores que nobremente norteiam os aspectos condizentes a Educação Inclusiva. Dessa forma, traduz um viés das prerrogativas do ensino e aprendizagem dos docentes na performance das experiências com a educação inclusiva, a presença da psicopedagogia nas dificuldades escolares, as preocupações com a Educação Ambiental no garimpo e no campo, entre outras narrativas condicentes.

Desafios e oportunidades em todos as modalidades educacionais estão pautadas nas entrelinhas das publicações da Atena Editora, os capítulos apresentam estudos sobre a Educação Inclusiva, a Educação Ambiental e as Políticas Públicas na esfera Inclusiva na Sociedade.

A Educação Inclusiva é colocada a luz da reflexão social desde 1988 com a Constituição Federal Brasileira onde garante que a educação é um direito de todos e é dever do Estado oferecer Atendimento Educacional Especializado, preferencialmente na Rede regular de ensino. Que adequou as instituições, de maneira geral, a conjeturar estudos, metodologias como alternativas viáveis de inclusão educacional.

Colaborando com essa transformação educacional, este volume é dedicado ao público de cidadãos Brasileiros que são excluídos socialmente ou por suas deficiências físicas, ou por suas deficiências tecnológicas bem como a Modalidade de Educação a Distâncias e toda sua benéfice massiva e transformadora da pratica educacional, apresentando artigos que: refletem sobre a formação do Professor na perspectiva inclusiva; a Alternativa da Educação a Distância para suprir nas necessidades física, econômicas e sociais; Estudos de casos que apresentam desafios e soluções para os públicos em questão.

Os aspectos que norteiam a Educação Ambiental estão intimamente ligados aos processos educacionais de gestão que efetuam experiências e práticas educativas no desenvolvimento da prática sustentável no campo, no garimpo e das diversas áreas de difícil acesso do público que necessita atenção especial.

Ao que concerne as Políticas Públicas na esfera Inclusiva na Sociedade, refere-se na atuação da psicopedagogia frente às dificuldades de aprendizagem, a história e memória do sindicato dos trabalhadores, bem como, o papel da educação na sociedade referindo-se à formação dos educandos do ensino médio.

Para tanto, todas as práticas educacionais da Educação Inclusiva são imprescindíveis ao ensino e aprendizagem eficaz e satisfatório do educando. Os saberes estão correlacionados nas leis vigentes e nas práticas didáticas educacionais. Dessa forma, estima-se reportar à Educação Inclusiva como abrangente e competente.

Por fim, espera-se que este livro possa fortalecer e clarificar os leitores sobre as várias modalidades da Educação Inclusiva como força motriz para o desenvolvimento e a formação integral do cidadão.

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A URGÊNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ÁREAS DE GARIMPO NO NORTE MATO-GROSSENSE	
José Aldair Pinheiro Aumeri Carlos Bampi Edneuzza Alves Trugillo	
DOI 10.22533/at.ed.0411903091	
CAPÍTULO 2	6
EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA ESCOLA MUNICIPAL ANÍSIO TEIXEIRA – CURITIBA/PR	
Janaina Frantz Boschilia	
DOI 10.22533/at.ed.0411903092	
CAPÍTULO 3	10
LIXO MARINHO E A PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NO MUNICÍPIO DE CANANÉIA, LITORAL SUL DO SÃO PAULO	
Daiana Proença Bezerra Valéria Ghislotti Iared	
DOI 10.22533/at.ed.0411903093	
CAPÍTULO 4	22
GESTÃO DE PROCESSOS EDUCATIVOS ESCOLARES: PONTOS E CONTRAPONTO SOBRE ORGANIZAÇÃO, SUJEITOS E PARTICIPAÇÃO NAS ESCOLAS DO CAMPO	
Luzeni Ferraz de Oliveira Carvalho Maria Jucilene Lima Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.0411903094	
CAPÍTULO 5	37
INSERÇÃO DO TRABALHO ACADÊMICO NO ENSINO BÁSICO DA ZONA RURAL RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Everton Aparecido Moreira de Souza Cremilson de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0411903095	
CAPÍTULO 6	41
NARRATIVAS DE FORMAÇÃO: PARTILHANDO SABERES DOCENTE SOBRE CURRÍCULO CONTEXTUALIZADO À REALIDADE DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SERRINHA-BA	
Maria Lúcia Anunciação Martins Juliana Gonçalves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.0411903096	
CAPÍTULO 7	53
A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA COMO ALTERNATIVA PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO	
Matheus Casimiro Soares Ferreira Lucas Casimiro Soares Ferreira Meubles Borges Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.0411903097	

CAPÍTULO 8 64

OS DESAFIOS PARA A OFERTA DO ENSINO NAS CLASSES MULTISSERIADAS NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE DUTRA-BAHIA

Maiane Alves Machado
Maria Dorath Bento Sodré

DOI 10.22533/at.ed.0411903098

CAPÍTULO 9 76

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: OS SABERES CONSTRUÍDOS PELOS PROFESSORES A PARTIR DE SUAS EXPERIÊNCIAS COM A EDUCAÇÃO INCLUSIVA, EM DUAS ESCOLAS DE FORTALEZA

Daniel de Oliveira Perdigão
Ângela Martins de Castro
Mariana Lima Vecchio

DOI 10.22533/at.ed.0411903099

CAPÍTULO 10 81

PRÁTICAS E CONCEPÇÕES DOS INTÉRPRETES DE LIBRAS SOBRE O ENSINO DE BIOLOGIA EM ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO EM IMPERATRIZ/MA

Darlan Morais Oliveira
Fernando Brasil Alves
Ana Amélia Coelho Braga
Fyama da Silva Miranda Gomes
Josidalva de Almeida Batista
Josiane Almeida Silva
Alcicleide Pereira de Souza
Maria José Costa Faria
Henrique Silva de Souza
Maria da Conceição Silva Cardoso
Jael Sanches Nunes
Teresinha Guida Miranda

DOI 10.22533/at.ed.04119030910

CAPÍTULO 11 85

EXISTE UNIDADE NAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA SURDOS NO BRASIL?

Rubia Carla Donda da Silva
Viviani Fernanda Hojas

DOI 10.22533/at.ed.04119030911

CAPÍTULO 12 94

LITERATURA SURDA E O ENSINO DE LIBRAS: UM OLHAR PARA A CRIANÇA OUVINTE

Raylla Samara Pontes dos Santos
Aline de Fátima da Silva Araújo
Jéssica da Silva Ramos
Tamyres Soares Targino Muniz

DOI 10.22533/at.ed.04119030912

CAPÍTULO 13 108

MULTILETRAMENTOS, LIBRAS E FORMAÇÃO DOCENTE

Adriana Moreira de Souza Corrêa
Natália dos Santos Almeida

DOI 10.22533/at.ed.04119030913

CAPÍTULO 14	120
NEAI E SUAS AÇÕES AFIRMATIVAS NO ENSINO SUPERIOR	
Carla Imaraya Meyer de Felipe Surama Lopes do Amaral Rosielen Alves de Souza Sergio Machado Morais Júnior Ivandro Rafael Heckler	
DOI 10.22533/at.ed.04119030914	
CAPÍTULO 15	131
ENSINO-APRENDIZAGEM DE ELETRICIDADE PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	
Pedro Arly de Abreu Paula Gilberto Dantas Saraiva Silvana da Silva Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.04119030915	
CAPÍTULO 16	143
FOTOGRAFIA E CEGUEIRA: PARA ALÉM AS FRONTEIRAS DA COMUNICAÇÃO VISUAL	
Ana Cláudia Dias Ribeiro Aloir Pedruzzi Junior Emi Silva de Oliveira Caroline Alves Dias	
DOI 10.22533/at.ed.04119030916	
CAPÍTULO 17	152
O PAPEL DE DOCENTES E GESTORES ESCOLARES NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	
Pedro Felipe da Costa Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.04119030917	
CAPÍTULO 18	167
PRÁTICAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS/EXATAS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL – REVISÃO DE LITERATURA	
Darlan Morais Oliveira Ana Amélia Coelho Braga Josidalva de Almeida Batista Josiane Almeida Silva Alcicleide Pereira de Souza Maria José Costa Faria Henrique Silva de Souza Maria da Conceição Silva Cardoso Larissa Carvalho de Sousa Patrício Francisco da Silva Leide Cintia Vieira Silva Cremilda Peres Cangussu de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.04119030918	

CAPÍTULO 19	172
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: O PAPEL DAS POLÍTICAS DE ENSINO MÉDIO NA FORMAÇÃO DE EDUCANDOS NO MUNICÍPIO DA AMAZÔNIA PARAENSE	
Afonso Welliton de Sousa Nascimento	
Francinei Bentes Tavares	
Yvens Ely Martins Cordeiro	
Alexandre Augusto Cals e Souza	
DOI 10.22533/at.ed.04119030919	
CAPÍTULO 20	185
PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES E PROFESSORES SOBRE OS FATORES QUE INFLUENCIAM NA APROVAÇÃO NO ENEM	
Raelma Medeiros Dantas	
Maria Genilda Marques Cardoso	
Iloneide Carlos de Oliveira Ramos	
Isauro Beltrán Núñez	
DOI 10.22533/at.ed.04119030920	
CAPÍTULO 21	197
A ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA FRENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Tiago Oliveira de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.04119030921	
CAPÍTULO 22	211
HISTÓRIA E MEMÓRIA DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE MORRO DO CHAPÉU-BA (1979-2015)	
Solon Natalício Araújo dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.04119030922	
CAPÍTULO 23	226
POR UMA POÉTICA DA MEMÓRIA: NARRATIVAS VISUAIS ENTRECruzANDO TEMPOS E ESPAÇOS	
Roberto Lima Sales	
Mariane Freiesleben	
DOI 10.22533/at.ed.04119030923	
CAPÍTULO 24	238
FORMAÇÃO HUMANA E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: TRAÇOS DE UMA RELAÇÃO QUE DESAFIA O PROFISSIONAL PROFESSOR	
José Robério de Sousa Almeida	
Maria Elizomar de Almeida e Silva Sousa	
Lia Hebe Gonçalves de Lima Oliveira	
Maria Josenir da Silva Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.04119030924	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	253
ÍNDICE REMISSIVO	254

LITERATURA SURDA E O ENSINO DE LIBRAS: UM OLHAR PARA A CRIANÇA OUVINTE

Raylla Samara Pontes dos Santos

Universidade Estadual da Paraíba, Departamento
de Letras
Cacimba de Dentro-PB

Aline de Fátima da Silva Araújo

Universidade Estadual da Paraíba, Departamento
de Educação
Guarabira-PB

Jéssica da Silva Ramos

Universidade Estadual da Paraíba, Departamento
de Letras
Cacimba de Dentro-PB

Tamyres Soares Targino Muniz

Universidade Estadual da Paraíba, Departamento
de Letras
Cacimba de Dentro-PB

RESUMO: O presente artigo versará sobre o ensino de Libras, numa perspectiva inclusiva da criança ouvinte por meio do suporte pedagógico aqui utilizado, a Literatura Surda, difundindo um olhar sobre o que é Libras e como é constituída a língua natural do surdo. Nosso objetivo é apresentar a Literatura Surda como suporte pedagógico para o ensino de Libras a crianças ouvintes, promovendo uma interação entre crianças ouvintes e o sujeito surdo, por meio de sua literatura. Nesta perspectiva, abordaremos conceitos acerca da Literatura Surda e quais os tipos existentes. Como aporte teórico, este

trabalho fundamenta-se a luz dos pensamentos de STROBEL (2008), PERLIN (2004), KARNOPP (2010), LABORIT (1994), MOURÃO (2011) e GOLDFELD (1997). Neste viés, esta pesquisa surgiu de uma coleta bibliográfica, unida a uma intervenção pedagógica de caráter observatório-interativo, para assim levantarmos os dados relevantes para a efetivação e alcance dos nossos objetivos, sendo este o ponto alto da pesquisa, por meio desta intervenção, pudemos perceber que a Literatura Surda pode servir de ferramenta pedagógica para o ensino de Libras, pois, esta torna-se uma maneira lúdica, unindo teoria e prática, na qual envolveu as crianças ouvintes que aprenderam brincando e divertindo-se. Este instrumento pedagógico, instigou nas crianças ouvintes, o desejo de aprender um pouco mais sobre Libras, de modo que, durante a intervenção foi perceptível que os alunos ouvintes sentiram-se atraídos, além da consciência prévia da importância de aprender a Língua de Sinais, para promover a comunicação e inserir o surdo no convívio social.

PALAVRAS-CHAVE: Libras. Criança Ouvinte. Literatura Surda.

DEAF LITERATURE AND THE TEACHING OF POUNDS: A LOOK AT A CHILD LISTENING

ABSTRACT: This article will deal with the teaching of Libras, in an inclusive perspective of the child listener through the pedagogical support used here, the Deaf Literature, spreading a look at what Libras is and how the natural language of the deaf is constituted. Our objective is to present the Deaf Literature as a pedagogical support for the teaching of Libras to hearing children, promoting an interaction between hearing children and the deaf subject through their literature. From this perspective, we will approach concepts about Deaf Literature and what types exist. As a theoretical contribution, this work is based on the thoughts of STROBEL (2008), PERLIN (2004), KARNOPP (2010), LABORIT (1994), MOURÃO (2011) and GOLDFELD (1997). In this bias, this research arose from a bibliographical collection, together with a pedagogical intervention of an observatory-interactive nature, in order to raise the relevant data for the accomplishment and achievement of our objectives, being this the high point of the research, through this intervention, we could perceive that the Deaf Literature can serve as a pedagogical tool for the teaching of Libras, since it becomes a playful way, uniting theory and practice, in which it involved the listening children who learned playing and having fun. This pedagogical instrument instilled in the listening children the desire to learn a little more about Pounds, so that during the intervention it was noticeable that the listening students were attracted, besides the prior awareness of the importance of learning the Sign Language, to promote communication and to insert the deaf in social interaction.

KEYWORDS: Pounds. Child Listener. Deaf Literature.

1 | INTRODUÇÃO

Imersos no século XXI, diante de tantas modificações, a tecnologia em alta, o mundo globalizado, ainda estamos distantes de uma sociedade igualitária. Perceber e aceitar o outro dentro de seus percalços ainda é um grande desafio. Nesta perspectiva, buscou-se compreender os avanços que vem ocorrendo ao povo surdo brasileiro ao longo de sua história, como também observar o acesso a Libras e a sua Literatura.

Neste sentido, este trabalho buscou promover uma linha de acesso entre o mundo surdo e as crianças ouvintes por meio da Literatura Surda, que surge com o intuito de promover uma facilitação de experiências literárias através de uma língua acessível, neste caso a Língua Brasileira de Sinais.

Com base nestes conhecimentos, Karnopp (2010) define:

Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente (KARNOPP, 2010, p. 161).

As crianças ouvintes conheceram um pouco da realidade dos surdos através

da Literatura Surda, contribuindo de algum modo para a aproximação de ambos, trabalhando a partir da interação com crianças ouvintes, que conheceram um pouco do fantástico mundo da literatura para surdos de forma prazerosa e dinâmica, e assim, envolvendo-os e mostrando para as crianças ouvintes que é plausível a comunicação com surdos, onde viram que isso é possível, através da Língua Brasileira de Sinais.

Como pergunta norteadora, abordamos: Qual a importância da Literatura surda para o ensino de Libras a crianças ouvintes?

Sendo assim, apresentou-se como Objetivo Geral: Apresentar a Literatura Surda como ferramenta pedagógica para o ensino de Libras a crianças ouvintes, promovendo uma linha de acesso entre crianças ouvintes e o mundo do surdo, por meio de sua literatura.

Bem como identificar como Objetivos Específicos: Apresentar o conto “As Aventuras de Pinóquio”, interpretado em Libras e traduzido em Português na versão voz, para as crianças ouvintes, a fim de analisar se houve a compreensão e comparação entre as duas línguas, no intuito de verificar de que modo a literatura surda pode servir de ponte para aproximar a criança surda e a criança ouvinte, como também o acesso a Libras; Perceber e avaliar como se dará o contato das crianças ouvintes com a literatura surda, de tal modo a analisar se aceitarão as experiências como aprendizado para sua construção de vida enquanto cidadãos pensantes; Identificar as contribuições que acarretará esta pesquisa para o sujeito ouvinte como também, ao ensino de Libras.

Para melhor compreensão do leitor, o trabalho está dividido em partes, tendo à “*Metodologia*” no primeiro capítulo, com uma descrição dos métodos utilizados para a execução desta pesquisa, em seguida, a “*Fundamentação Teórica*” em sua revisão de literatura, com o capítulo intitulado “*O Que é Literatura Surda?*”, onde definimos os conceitos, respondendo ao próprio título, como também informações do tipo: quando surgiu, quais os tipos e quais aspectos relevantes tornam essa Literatura Surda, diferenciada e tida como ferramenta pedagógica.

Por conseguinte, temos os “*Resultados e Discussões*”, onde relatamos o que ocorreu durante a intervenção feita na escola campo, quais objetivos foram alcançados, quais as impressões e questionamentos levantados, em contrapartida ao tema deste trabalho.

Por fim, as “*Considerações Finais*”, com uma síntese sobre o objetivo dessa pesquisa, informando a autenticidade da Literatura Surda como subsídio para o ensino de Libras a crianças ouvintes, e as Referências Bibliográficas.

2 | METODOLOGIA

Para que fosse possível este estudo, a respeito do uso da Literatura Surda como ferramenta para o ensino de Libras para as crianças ouvintes, fez-se necessária a busca de elementos que facilitassem e fornecessem informações e subsídios necessários para a efetivação do mesmo, ou seja, selecionar métodos e técnicas que

foram aplicados para obter resultados satisfatórios dentro da pesquisa. Diante disto, citamos Gil (2008, p.,15) que afirma que: “Esses métodos têm por objetivo proporcionar ao investigador os meios técnicos, para garantir a objetividade e a precisão no estudo dos fatos sociais.” Ou seja, para se obter as ferramentas nas quais nos ajudaram a alcançar os objetivos desejados.

Seguindo este viés, o presente artigo contou com uma pesquisa de campo, onde ocorreu a intervenção pedagógica, a fim de coletar informações necessárias para levantar dados, pois fizemos uma análise de caráter observatório e interativo, para então analisar de que modo a Literatura Surda pode aproximar de forma inclusiva, a criança ouvinte do mundo surdo.

Isso foi possível através de uma exposição, onde apresentamos o conto interpretado em Língua de Sinais e traduzido para Português na versão voz, de uma forma dinâmica e divertida, para que assim chamasse a atenção das crianças ouvintes e despertasse o interesse de aprender. Inicialmente, partimos de uma pesquisa bibliográfica, onde foram levantados dados bibliográficos a respeito do tema, para que se tivesse um embasamento teórico necessário para estruturar a pesquisa. Foi um momento de muita leitura e levantamento de dados relevantes para esta pesquisa.

Por conseguinte, houve o contato direto com as crianças ouvintes, sujeitos indispensáveis da pesquisa, as quais, apresentamos a Literatura Surda através do conto “As Aventuras de Pinóquio”, instrumento base desta pesquisa, como também, fizemos uso de algumas questões orais para que tivéssemos ainda mais informações sobre esta experiência. Por fim, analisamos, os dados coletados, a fim de responder os questionamentos levantados neste trabalho e alcançar os objetivos aqui propostos.

3 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O que é a literatura surda?

Definir Literatura Surda ainda é considerado um pouco difícil, levando em conta o leque de possibilidades para conceituá-la. O que se sabe é que, o próprio termo nos leva a pensar na mesma como representações feitas pelos próprios surdos, traduzindo a partir delas, suas vivências, experiências em comunidade, relações, lutas, vitórias, conquistas, dando teor a sua cultura e identidade, como bem alega Mourão (2011), quando diz:

Não é fácil definir a literatura surda. Assim como não há uma única conceituação para literatura em geral, também não há uma definição única para literatura surda. Quando se fala nela, especificamente, vemos que está relacionada às representações produzida por surdos, em que se produzem significados partilhados em forma de discurso – sem eles, não há representação surda. (MOURÃO,2011, p. 72).

Assim, pode-se compreender a Literatura Surda como representações de surdos,

na busca pela sua própria identidade e espaço na sociedade, representações estas, que buscam originalidade e até mesmo recriações do que já existe.

Seguindo esta linha de pensamento, pode-se dizer que não se sabe ao certo quando a Literatura Surda surgiu, pois, tendo em vista que durante muito tempo o ensino de Libras foi restringido, o que não significa que a mesma não circulava dentre os grupos de surdos, considerando-se assim que, criações dos mais diversos gêneros textuais já existiam há muito tempo, não sendo reconhecidos pela descaracterização da língua e pela ausência dos meios tecnológicos da época, para registrar as obras.

Além do mais, a língua de sinais é gesto-visual, um dos fatores pelos quais não há tantos registros de pessoas surdas. Atualmente, essas obras são mais apreciadas através de imagens de vídeos e Dvd's, ressaltando que também existe uma diversidade de registros escritos, através da escrita de sinais ou "sign write", porém, precisa-se aumentar este acervo para que chegue a mais leitores. Citamos então Rosa (2006), afirmando que:

Como o surdo utiliza a visão para obter informações, a união da mídia e da literatura cria condições para que haja um fortalecimento da identidade, cultura e de conhecimento da surdez. Pesquisar como se desenvolvem estes aspectos conjuntamente fará com que a expressão da arte e da literatura surda seja registrada em livros e em materiais midiáticos, capazes de manifestar a diferença linguística e cultural de surdos, através do caminho da autorepresentação. (ROSA, 2006, p. 59).

Delimitar os conceitos sobre Literatura Surda ainda é uma tarefa difícil, pois enquadra-se em diversas acepções explícitas ao contexto inserido. Como já citamos anteriormente, temos a concepção de Literatura Surda como os registros em Língua de Sinais por pessoas surdas. Não implica dizer que esta seja uma definição única e cabível, o fato é que, a Literatura Surda se efetiva dentro do meio cultural inserido, onde o sujeito não cria sozinho, sendo um trabalho em conjunto para a produção de significados.

Strobel (2009b, p. 62), define Literatura Surda como: "às experiências que o povo surdo passa, suas dificuldades e/ou vitórias das explorações e tiranias dos ouvintes, como reagem diante dessas situações; mostra também as ações de grandes militares e líderes surdos e valoriza suas identidades surdas". Pensar em Literatura Surda é imaginar um universo mágico, cheio de fantasias, narrando registros de vida, experiências e aspectos de pessoas surdas. Rosa e Klein (2009, p. 2-3), em vista disso, afirmam que "a literatura sinalizada é uma expressão artística dos surdos registrados através de vídeos e a divulgação desse material em língua de sinais, mostra o enfoque de uma diferença cultural, que é própria dos surdos".

A literatura surda é considerada um artefato cultural, pois a mesma consiste em fazer representações do indivíduo surdo, buscando enfatizar aspectos de sua identidade e processos socioculturais da comunidade na qual está inserido. A mesma encontra-se dividida em três estilos:

TRADUÇÕES

Para entendermos o que é a tradução em literatura surda, nos ateremos ao conceito de “traduzir”, segundo Guerini (2008):

A palavra *traduzir* deriva do latim *traducere*, e segundo o dicionário *Aurélio* etimologicamente significa “conduzir além”, “transferir”. Atualmente, seu leque de significados é muito amplo e além do original “transferir” quer dizer entre outras coisas, também “transpor, transladar de uma língua para outra”, “revelar, explicar, manifestar, explanar”, “representar, simbolizar”. *Traduzir* no sentido de “passar de uma língua para outra”, é uma metáfora do ato físico de transferir. (GUERINI, 2008, p.02).

Nesta perspectiva, cabe a compreensão de tradução, como passar algo de uma língua para outra, neste caso, tomar uma obra literária da Língua Portuguesa, por exemplo, e traduzir para Língua de Sinais ou vice-versa e interpretá-la. O profissional responsável por esta tradução e interpretação é o intérprete de Língua de Sinais, sendo este tipo de obra literária utilizada em nossa pesquisa.

ADAPTAÇÕES

As adaptações nada mais são do que, utilizar obras já existentes e adaptá-las para a comunidade surda, onde podemos destacar que o enredo irá sofrer alterações para adaptar-se à realidade da comunidade surda, tornando-as mais próximas possíveis de sua vida, como também, geralmente seus principais personagens serão surdos dando mais ênfase as características, abordagem reais e representatividade, de sua comunidade.

A mais conhecida nesse contexto é a “Cinderela Surda” (2007):

Não sabemos quem contou esta história pela primeira vez. Ela foi sendo recontada entre os surdos e nós resolvemos registrar e divulgar este belo texto. A maioria das pessoas conhece a clássica história da Cinderela. Nosso objetivo, neste texto, é recontar essa história a partir de uma outra cultura, a cultura surda. Assim, esse livro foi construído a partir de uma experiência visual, com imagens, com o texto reescrito dentro da cultura e identidade surda e da escrita da língua de sinais, conhecido também como sign writing. (HESSEL; KARNOPP; ROSA, 2003, p.5)

CRIAÇÕES

Já as criações, são produções puras e textos originais dos próprios surdos, narrativas que trazem suas próprias experiências, vivências em sua comunidade, fatos reais de sua vida. Um dos mais conhecidos é o livro: “Tibi e Joca” (BISOL, 2001), citado por Karnopp (2006, p.104):

Uma história de dois mundos (BISOL, 2001), que narra a história de um menino surdo em uma família com pais ouvintes que começam a usar a língua de sinais.

O texto explora o visual (o desenho) e, além da história registrada em língua portuguesa, há um boneco-tradutor que sinaliza a palavra-chave que vai dando sequencialidade à história.

Nosso acervo de materiais literários não é muito extenso, mas é possível encontrarmos alguns clássicos da Literatura Brasileira, traduções e adaptações como: Cinderela Surda; Rapunzel Surda; Patinho Surdo; Alice no país das maravilhas; Iracema; O alienista; Adão e Eva; Os três porquinhos; Chapeuzinho vermelho; Dentre outras, demos ênfase em nossa pesquisa ao conto “As aventuras do Pinóquio”, um clássico muito conhecido pelas crianças ouvintes.

O surdo está exposto e distribuído na sociedade, dentre os ouvintes, como bem afirma (WILCOX, 2005, p. 78), “todos são pessoas surdas vivendo em uma sociedade dominada pelos ouvintes”. Assim, ele se constitui de acordo com fatores relevantes, como: o meio no qual este faz parte, a cultura em que está inserido, ou seja, fatores estes que resultam diretamente no sujeito surdo sócio/histórico de modo pessoal.

Portanto, faz-se necessário ressaltar a importância da criança ouvinte está próxima da comunidade surda através da Língua de Sinais, entrelaçada a Literatura Surda, como forma de facilitar a interação, incentivar o bilinguismo e fazer com que a criança ouvinte perceba o surdo como um ser dotado de experiências e pertencente a um grupo linguístico distinto do nosso, mas que, existem possibilidades de nos inserirmos neste grupo linguístico, através da língua de sinais.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente pesquisa, apresentou-se através de uma intervenção pedagógica, onde utilizamos o conto “As Aventuras de Pinóquio”, interpretado em Libras e traduzido em português na versão voz, para uma turma de crianças ouvintes.

A mesma ocorreu no dia 11 de Setembro de 2017, em uma instituição privada de ensino, na cidade de Cacimba de Dentro, no Curimataú Paraibano. A instituição é a mais nova da cidade, com menos de 2 anos de atuação, porém tem crescido progressivamente e ganhado muito espaço na educação pela atuação e sistema de ensino.

A duração da intervenção foi de 1:15:00, tendo início as 09:45 H (nove horas e quarenta e cinco minutos) e terminou as 11:00 H (onze horas). A turma que nos serviu de suporte foi o 5º ano do ensino Fundamental I, a sala consta com 10 alunos, sendo 5 meninas e 5 meninos, todos ouvintes, com faixa etária entre 9 e 10 anos de idade. No dia da intervenção, apenas 9 alunos estavam presentes.

O conto que utilizamos conforme já citado foi “As Aventuras de Pinóquio”, interpretada em Libras por Nelson Pimenta professor surdo e traduzida em Português na versão voz, com duração de 00:15:50 (quinze minutos e cinquenta segundos).

Para iniciar a aula, fizemos o seguinte questionamento: Já imaginaram como seria se na nossa escola, ou até mesmo na sala de aula, tivéssemos um coleguinha

surdo? De imediato todos, responderam: Não! Como íamos falar com ele? Daí então, passamos para uma breve introdução sobre o surdo, onde explicamos as singularidades do sujeito surdo e que o mesmo possui uma língua pela qual pode se comunicar, que é a Libras.

Imediatamente, percebemos que as crianças moviam as mãos, indicando que os surdos se comunicavam através dos “gestos” e emitindo alguns sons com a boca. Nesse momento surgiu a indagação: “Eles são surdos-mudos não é tia?”. Passamos então para os esclarecimentos de que os surdos não se comunicam por gestos e sim por sinais que tem valor linguístico, como também não são surdos-mudos, pois os mesmos não falam porque não escutam, mas que possuem as cordas vocais intactas e que, não devemos utilizar essa expressão pois agrega preconceito. Estes são surdos, possuidores de uma língua diferente da nossa, uma língua sinalizada rica em expressões e conceitos.

Dois dos alunos, se pronunciaram expondo que na antiga escola que haviam estudado, havia um coleguinha surdo e que era muito “ruim”, pois ninguém entendia ele, além do mais, ele “só fazia barulho”, comprovando assim que ele não tinha nenhuma perda nas cordas vocais e era muito bravo por não conseguir ser compreendido.

Logo questionamos: Se vocês soubessem Língua de Sinais, iriam poder se comunicar com ele, será que seria diferente essa relação? Responderam que sim! Pois, eles iam poder conversar, ajudar nas tarefas, brincar e ele não ficaria mais bravo, e a comunicação fluiria. Em seguida, indagamos o que vinha em mente quando ouviam a palavra Literatura, e foram citando: leitura, livros, histórias, personagens e etc. E então, explicamos que os surdos também têm acesso a tudo isso por meio da Literatura Surda, através das historinhas traduzidas, adaptadas ou criadas, onde foi explicado um pouco sobre cada uma.

Perguntamos se as crianças conheciam o conto “Pinóquio”, todos já conheciam e começaram a expor as características do conto e do personagem, demonstrando total familiaridade, surgiu o espanto quando revelamos que eles iriam assistir o conto mas com um diferencial, seria interpretada em Língua de Sinais e traduzido para o Português na versão voz, todos ficaram ansiosos, esperando para ver como seria. Com o auxílio de um retroprojctor, o conto que era em DVD, foi lançado para as crianças. Ao decorrer da narrativa, observamos que todos prestavam atenção e tentavam sinalizar em alguns momentos, conforme exibia no vídeo. Terminando o vídeo, iniciamos alguns questionamentos.

A primeira pergunta foi sobre o que acharam interessante no conto, alguns disseram que era muito legal, outros que não entenderam nada, outros observaram a rapidez com que o ator sinalizava, que ele fazia muitas expressões com o rosto. A segunda pergunta foi se era difícil compreender e aprender Libras, todos disseram que era difícil, alguns disseram que precisava praticar muito para aprender e entender.

A terceira pergunta foi sobre qual sinal acharam mais fácil e qual o mais difícil. Imediatamente, a maioria citou como mais fácil o sinal de Pinóquio e Gepeto, o mais

difícil eram todos os outros que não tinham entendido. Interessante perceber que alguns pensavam que haviam identificado o sinal do Pinóquio e Gepeto, porém haviam relacionado a outro sinal, muitos sinais eles remetiam ao momento em que o ator sinalizava, ou seja, na medida que ele fazia algum sinal, remetiam ao que o intérprete falava.

Em outro momento, foi realizado uma atividade relacionada a quarta pergunta, questionamos se eles gostariam de aprender um pouco mais sobre Libras, um dos alunos imediatamente disse que não, pois era muito difícil, os demais disseram que gostariam sim. Um deles, inclusive, disse que gostaria de aprender para poder conversar com um vizinho surdo. Ainda disseram que é difícil, mas, como para aprender a ler e escrever precisou de prática, aprender aquela língua também seria.

Após esse momento de exposições de opiniões, apresentamos figuras impressas dos principais personagens e alguns elementos do conto apresentado: o Pinóquio, Gepeto, Pepe, escola, circo, baleia, fada, Raposa, Dona Gata e menino. Relembramos os sinais, feitos no conto e sinalizamos em conjunto. Em seguida, entregamos uma cópia do alfabeto em Libras (Datilologia), para cada aluno. Impressionante como chamou a atenção das crianças, imediatamente estavam tentando sinalizar cada letra, tentando formar seus respectivos nomes.

Passamos então a formar os nomes dos personagens e dos elementos do conto, sinalizando letra por letra, foi o momento mais simplificado de fazer com as crianças. Em seguida, revisamos os sinais dos personagens e também sinalizando letra por letra do nome de cada personagem e elemento do conto. Para finalizar, fizemos uma foto onde todos fizemos o sinal de “desculpa”, representando o momento em que Pinóquio se arrepende de todas as travessuras.

A realização e o sentimento de missão cumprida foi perceber no dia seguinte, que uma sementinha havia sido plantada, as crianças chegaram mostrando que aprenderam formar seu próprio nome em Libras, por meio do alfabeto que havíamos dado a cada um e até que tinham visto outros vídeos no you tube.

Nesta perspectiva, citamos Souza (2014), onde afirma a importância das traduções literárias para a aproximação da criança ouvinte com o universo do surdo:

[...] além de efeitos estéticos, percebe-se que, ao serem traduzidos para línguas orais, eles podem constituir verdadeiras pontes de contato cultural entre o mundo surdo e o mundo ouvinte, valorizando as potencialidades surdas e funcionando como ferramentas de esclarecimento cultural para os que não estão ainda familiarizados com as realidades existentes no mundo surdo. (SOUZA, 2014, p. 171).

Assim, reafirmamos o conceito aqui defendido de que a Literatura Surda é uma eficiente ferramenta pedagógica para o ensino de Libras, de tal modo que, é uma maneira lúdica onde as crianças ouvintes terão mais interesse em prestar atenção, aprender os sinais mais repetidos e pelo fato de já conhecer a história, tornou-se mais fácil relacionar os sinais.

É perceptível como as crianças ouvintes se sentiram atraídas pela Língua de Sinais e como elas aceitaram-na como uma diversão, como tiveram aquele momento como uma aula legal, diferente e lúdica. A cada sinal, quando o colega não acertava, ou quando um ajudava o outro a sinalizar, os sorrisos, a atenção, alguns mais ágeis, outros mais devagar, mas, todos tentando acertar e fazendo dentro de suas limitações.

Diante de tudo que foi exposto, percebemos que há consciência de que aprender a Língua de Sinais é uma forma de comunicar-se com o surdo para que eles não fiquem bravos por não serem compreendidos, nem se sintam excluídos do meio social. Isso nos faz refletir sobre como é importante a inserção de Libras como segunda língua no currículo escolar, de modo que, haveria aceitação e inclusão.

Esta pesquisa nos mostrou que é possível incluir o surdo no convívio de crianças ouvintes, como também é possível inserir Libras no currículo escolar, pois a aceitação e busca de mais conhecimento vieram naturalmente. Prova disso, foi a tentativa de aprender sinalizar seus próprios nomes e buscar mais histórias em Língua de Sinais.

Neste contexto, citamos Silva (2001):

No currículo há o conflito na compreensão do papel da escola, em uma sociedade fragmentada do ponto de vista racial, étnico e linguístico. É preciso assumir em uma perspectiva sociolinguística e antropológica na educação dos surdos dentro da instituição escolar, considerando a condição bilíngue do aluno surdo. (SILVA, 2001, p.21).

O surdo é considerado bilíngue por ter a Língua de Sinais como primeira língua e desenvolve também o conhecimento da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita, pois, o mesmo está inserido no convívio com outros surdos e também com ouvintes. Já a criança ouvinte, pode estar exposta a situação de ter contato com o surdo porém, estando inserido nesse contexto não é conhecedor e falante da Língua de Sinais, onde as escolas priorizam o ensino de outras línguas diversas, mas não percebem a importância da adesão do ensino de Libras, como um componente curricular que viabiliza a uma educação inclusiva.

Assim, compreende-se as dificuldades que a criança surda está exposta diariamente, a exemplo disso, a criança surda reconhecida e citada pelos alunos ouvintes, quando a descreveram como brava, por não conseguir comunicar-se com seus coleguinhas de sala, que eram todos ouvintes. De um lado, uma criança surda, não conhecedora de Libras, locada em uma sala de aula que cujos alunos se comunicam através da oralidade, de outro, crianças ouvintes, que apenas falam e escrevem, ambas não conseguem interagir, de tal modo, a criança surda não renderá em aprendizagem, nem tampouco quando se trata da interação, troca de conhecimento, aceitação e respeito mútuo.

Ficou evidenciado aqui, o quão favorável a Literatura Surda pode ser para o ensino de Libras a crianças ouvintes, pois podemos constatar que as próprias crianças ouvintes percebem a importância do aprendizado da mesma, para a inclusão da criança

surda. Além disso verificamos a aceitação de algo que para elas é desconhecido, que é a Língua Brasileira de Sinais, identificamos a consciência em entender que apesar de ser difícil, é com a prática que essa língua vai sendo internalizada.

Sendo apenas uma intervenção pedagógica, ou seja, uma pesquisa de curto prazo, consideramos que os resultados obtidos foram consideráveis, diante do que esperávamos. Sendo assim, esperamos que, algum dia essa seja uma forma do ensino de Libras se expandir e chegar ao alcance de todos, vista como necessária, no intuito de inserir o surdo no convívio social, não apenas ser aceito, mas poder compartilhar experiências, comunicar-se, participar das decisões e ser um cidadão composto de criticidade e autenticidade.

5 | CONCLUSÃO

Diante das novas propostas educacionais, avanços e facilitações que a tecnologia oferece ao sistema de ensino, seria relevante pensar na formação do professor, ou seja, em sua trajetória na academia, afim de prepará-lo para encarar a diversidade do alunado que irá encontrar nas salas de aula de nosso país. E é na academia, onde essa formação começa a ter as bases e noções do que é a realidade de uma sala de aula heterogênea. Portanto, o sistema de ensino precisa nesse momento, de desenvolvimento do profissional em formação para prepará-lo, não somente para dar aulas, mas, para preparar cidadãos dentro de suas individualidades.

Neste sentido, esta pesquisa tem o intuito de fazer com que os profissionais repensem em suas práticas, afim de incluir crianças ouvintes ao convívio dos surdos, instigando os ouvintes a despertarem o interesse pela Língua de Sinais, através da Literatura Surda e para isso, é preciso que o ensino de Libras seja incluído no currículo acadêmico dos profissionais, e no currículo das escolas de ensino básico, para que seja possível o ensino-aprendizagem de Libras em todos os âmbitos escolares.

Há de se considerar a importância das atribuições educacionais às crianças desde os primeiros anos escolares, fase de maior aceitação e facilitação do processo ensino-aprendizagem. Comprovamos a partir dessa pesquisa, que é possível utilizar-se da Literatura Surda para o ensino de Libras a crianças ouvintes, onde a mesma tomou uma proporção considerável ao despertar o interesse e curiosidades das crianças ouvintes.

Podemos compreender e informar por meio desta pesquisa e diversos autores, o conceito de Literatura como processo cultural, onde os sujeitos ouvintes e surdos encontram-se e configuram sua própria identidade, utilizando-se de experiências da sua vivência cotidiana, da interação com o outro, onde vai formando seu conceito de mundo a partir do reconhecimento do próprio eu, por meio de vários gêneros, nos quais passam a se reconhecer e se identificar com um determinado personagem ou próprio protagonista da vida real.

Deste modo, a formação leitora do surdo passa a tomar espaço na Literatura

Surda, onde o mesmo passa a ser autor de sua própria vida, despertando sua imaginação, criatividade, senso crítico e incentivando sua atuação em sociedade, por meio de criações, adaptações ou traduções de obras literárias.

A importância maior disso tudo, é perceber a contribuição, embora tão pequena, para a divulgação da Língua Brasileira de Sinais, proporcionando as crianças ouvintes o interesse em aprender um pouco mais e buscando outros exemplos de Literatura Surda. O intuito em apresentar essa nova ferramenta pedagógica para as crianças ouvintes, foi além do nosso objetivo pois, além de despertar o interesse em aprender Libras, fez as crianças refletirem acerca do possível contato que ambas têm e/ou possam ter com os surdos, do quanto seria importante se tivessem a noção sobre a Língua de Sinais, para promover a comunicação.

A educação brasileira fala tanto em inclusão, onde se tem a ideia de que seja, somente retirar os alunos com particularidades das salas especiais e inseri-las nas salas regulares sem oferecer subsídios para que as mesmas cresçam, desenvolvam-se, aprendam, construam conceitos, interajam e acima de tudo, estejam socializadas com as demais crianças.

No que diz respeito o sujeito surdo, como inseri-lo sem que o mesmo tenha acesso a Língua Brasileira de Sinais, sem que o sujeito professor domine a mesma e até mesmo os demais alunos ouvintes. Como interagir e aceitar o outro sem ter conhecimento sobre a língua, impossibilitando o acesso e a efetivação da facilitação do processo de comunicação, socialização e ensino-aprendizagem. São questões que muito precisam ser avaliadas pela educação brasileira, tratando de definir o termo “Educação Inclusiva” que muito deixa ainda a desejar, em sua aplicação.

Nesta perspectiva, a Literatura Surda, mostrou-se eficiente para o ensino de Libras às crianças ouvintes, despertando nos mesmos o interesse em aprendê-la de modo dinâmico e prazeroso, através de historinhas que já fazem parte do conhecimento prévio das crianças. Em particular, as traduções, que utilizam as histórias já existentes na Literatura e as traduzem para a Língua de Sinais, facilitando a compreensão por já haver o conhecimento da narrativa e incentivando o aprendizado de Libras.

Conforme já foi dito, nossa pesquisa alcançou o objetivo proposto, ao revelar que a Literatura Surda pode ser utilizada como ferramenta pedagógica para o ensino de Libras a crianças ouvintes, tendo em vista que a mesma foi analisada, ou seja, aplicada em sala de aula de crianças ouvintes, para se chegar a conclusão aqui explícita, que por sinal foi muito proveitosa e demonstrou um alto nível de aprendizado e interesse.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Bruno Ferreira. PEREIRA, Danielle Cristina Mendes. **O Direito Do Surdo À Literatura: Por Uma Educação Literária Multimodal.** Linguagem em (Re)vista, vol. 10, n. 20. Niterói, jul./dez. 2015.

ALMEIDA, WG., org. **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, 197 p. ISBN 978-85-7455-445-7. Disponível em: <http://books.scielo.org>

Acessado em: 12 de ago de 2017.

APOLINÁRIO, Andréia Aléssio. **O que os surdos e a literatura têm a dizer?** Uma reflexão sobre o ensino na Escola Anpacin do município de Maringá/PR. Maringá, 2005.

BRASIL. Lei Federal 10.436. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Presidência da República, 2002.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Centro de Documentação e Informação. Edições Câmara. Brasília, 2015.

CANEPPELE, Guilherme Buhl. **Sistema de custos e análise de preços para uma indústria de confecções**. Três Passos, RS, 2012.

CARVALHO, Naiana Santos. **Surdez E Bilinguismo: Perspectivas, Possibilidades e Práticas Na Educação Para Surdos**. Salvador, 2010.

CUNHA, Erika Juliano; LIMA, Renato da Silva. **A abordagem sócio-interacionista e a teoria do construtivismo como bases para a simulação de conceitos logísticos em salas de aula**. Bauru-SP; 2004.

Declaração De Salamanca E **Enquadramento Da Ação Na Área Das Necessidades Educativas Especiais**. Conferência Mundial Sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso E Qualidade Salamanca, Espanha, 7-10 de Junho de 1994. Disponível em: <redeinclusao.pt/media/fl_9.pdf>. Acesso em: 06 de Out de 2017.

FERREIRA, Rita Wanderline; CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. **A importância da Literatura Visual no Processo de Ensino-aprendizagem do(a) Aluno(a) Surdo(a)**. 2017. Disponível em: <http://educacaopublica.cederj.edu.br> Acesso em: 09 de Set de 2017.

GAVA, Águida Aparecida. **Breves Considerações Sobre A Literatura Surda**. “Considerations For Deaf Literature”. 2015.

KARNOPP, Lodenir. **Literatura Surda**. Florianópolis, 2008.

KLEIN, Alessandra Franzen. **Uma proposta bilíngüe na educação Infantil: Libras-Português**. Horizontina, 2011.

LACERDA, Lúcia Loreto; MORAIS, Cristina Richter Costa. **O Ensino Da Língua De Sinais Para Crianças Ouvintes: Uma Proposta de Bilinguismo às Avestas**. Curitiba, 2013.

MOURÃO, Claudio Henrique Nunes; **Adaptação e Tradução em Literatura Surda: A Produção Cultural Surda Em Língua De Sinais**. [S.l.]: Portal Apend Sul, 2012. Disponível em: www.portalanpedsul.com.br. Acesso em: 23 de Mai de 2017.

MORENO, Sandra Cristina Silva. **A Inclusão do Aluno com Deficiência na Escola Regular**. 2017. Disponível em: www.pedagogia.com.br. Acesso em: 26 de Ago de 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **“Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico”**. 2. ed., Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. **A Importância Da Literatura Infantil Em Libras No Desenvolvimento Infantil**. Ed. Arara Azul; edição: N°20; 2017.

SLOMSKY, Vilma Geni. **Educação Bilíngüe para Surdos: Concepções e Implicações Práticas**. 1º Ed. (2010), 2º reimpr. Ed. Juruá. Curitiba, 2012.

STUMPF, Marianne Rossi. QUADROS, Ronice Müller de. LEITE, Tarcísio de Arantes. **Estudos da língua brasileira de sinais**. Série Estudos de Língua de Sinais. V.II. Florianópolis: Insular. 2014.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. COELHO, Ivan Ivic. PEREIRA, Edgar. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Danielle Helena Almeida Machado - Graduada na Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e Inglesa. Pós-Graduada em Língua Portuguesa e Teoria Literária pela Secal (Sociedade Educativa e Cultural Amélia). Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Esap (Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação). Pós-Graduada em Gestão de Recursos Humanos pela Faculdade São Braz. Pós-Graduada em Qualidade Pública e Responsabilidade Fiscal pela Faculdade São Braz. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística, Dialetoologia, Teoria Literária, Língua Portuguesa e Inglesa. Na área da Indústria possui experiência de Interpretação de Textos Técnicos em Português e Inglês, Gestão de Recursos Humanos, Gestão de Produção e Gestão Industrial no SENAI/ PG (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial)

Janaina Cazini - Bacharel em Administração (UEPG), Especialista em Planejamento Estratégico (IBPEX), Especialista em Educação Profissional e Tecnológica (CETIQT), Practitioner em Programação Neurolinguista (PENSARE) e Mestre em Engenharia da Produção (UTFPR) com estudo na Área de Qualidade de Vida no trabalho. Coordenadora do IEL – Instituto Evaldo Lodi dos Campos Gerais com Mais de 1000h em treinamentos in company nas Áreas de Liderança, Qualidade, Comunicação Assertiva e Diversidade, 5 anos de coordenação do PSAI – Programa Senai de Ações Inclusivas dos Campos Gerais, Consultora em Educação Executiva Sistema Fiep, Conselheira da Gestão do Clima, Co-fundadora do ProPcD – Programa de Inclusão da Pessoa com Deficiência no Mercado de trabalho. Co-autora do Livro Boas Práticas de Inclusão – PSAI. Organizadora da Revista Educação e Inclusão da Editora Atena.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 88, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 135, 161, 162
Aprendizagem 6, 24, 31, 34, 41, 44, 46, 47, 49, 58, 63, 65, 66, 68, 72, 83, 88, 103, 104, 105, 106, 108, 112, 120, 123, 125, 126, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 140, 142, 144, 154, 155, 156, 160, 168, 187, 188, 189, 191, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 228, 236, 238, 240, 253

D

Deficiência visual 122, 124, 127, 128, 131, 132, 134, 138, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 152, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 163, 165, 166, 167, 168, 171

Desenvolvimento humano 69, 238, 252

Dificuldade de aprendizagem 201, 204, 207, 209

Docente 23, 24, 31, 32, 37, 41, 43, 49, 50, 62, 68, 70, 75, 76, 80, 105, 108, 110, 112, 113, 115, 129, 133, 134, 153, 158, 160, 162, 183, 199, 204, 238, 239, 244, 246, 249, 251, 252

E

Educação ambiental 1, 2, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 20, 21, 72

Educação básica 33, 38, 46, 51, 52, 67, 71, 72, 75, 84, 86, 87, 93, 133, 141, 153, 155, 164, 167, 168, 174, 177, 178, 179, 180, 181, 197, 198, 199, 201, 208, 238, 239, 244, 251, 252

Educação inclusiva 76, 77, 78, 79, 80, 85, 87, 88, 92, 103, 105, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 133, 135, 136, 142, 158, 164, 165, 205

Educação no campo 37, 65, 66, 74

ENEM 9, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195

Ensino-aprendizagem 31, 58, 66, 83, 104, 105, 106, 112, 123, 191, 197, 201, 202, 204, 205, 208, 228, 236

Ensino fundamental 6, 12, 13, 23, 24, 25, 33, 66, 70, 71, 72, 74, 76, 86, 118, 142, 152, 153, 154, 156, 157, 161, 165, 169, 172, 209

Escolas do campo 25, 27, 30, 31, 33, 34, 42, 46, 48, 49, 51, 64, 65, 66, 67, 72, 74

Estudante 49, 58, 90, 123, 124, 125, 126, 185, 190, 191, 194, 228, 235

F

Formação docente 24, 41, 43, 110, 238, 239, 244, 246

Formação humana 24, 26, 41, 42, 47, 59, 115, 238, 239, 240, 244, 245, 246, 248, 251

G

Gestor escolar 161, 201

M

Memória 45, 47, 50, 113, 143, 147, 148, 212, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 235, 236, 237

Multiletramento 110

P

Pessoas com deficiência 80, 87, 92, 120, 121, 125, 135, 146, 154, 155, 159, 166

Políticas Públicas 35, 48, 52, 56, 67, 68, 69, 70, 74, 80, 85, 93, 121, 123, 125, 149, 153, 154, 163, 165, 173, 179, 180, 184, 240, 241

Professor 13, 37, 38, 39, 46, 50, 65, 76, 79, 80, 82, 83, 100, 104, 105, 113, 115, 133, 134, 135, 136, 140, 148, 156, 159, 160, 164, 189, 200, 201, 203, 205, 227, 228, 238, 239, 240, 246, 247, 248, 249, 250

Psicopedagogia 197, 204, 209, 210

S

Surdo 82, 83, 85, 87, 88, 90, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 111, 112, 113, 114, 115, 147

Sustentabilidade 2, 6, 10, 11, 20, 47, 51

T

Tecnologia assistiva 120, 124, 127

Trabalhadores rurais 25, 35, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224

V

Violência nas escolas 9, 238, 244, 245, 246, 247, 248, 251

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-604-1

